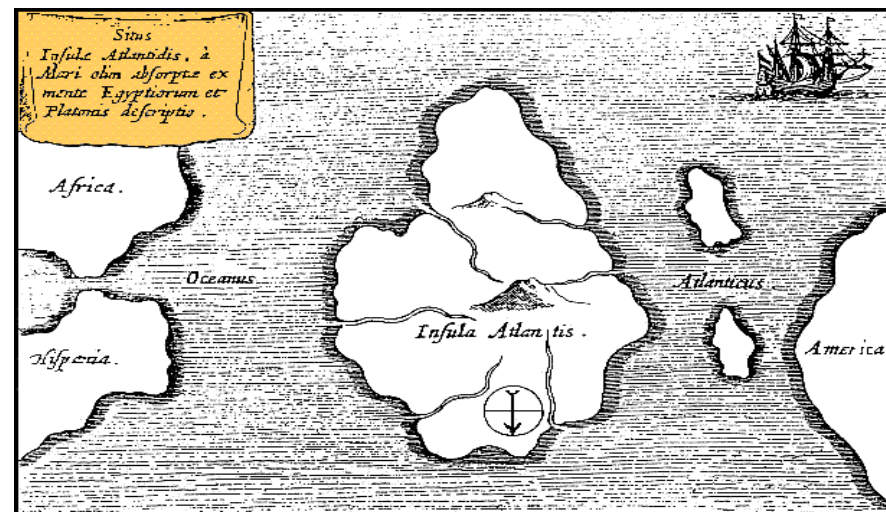


**CADERNOS DE
ESTUDOS
AÇORIANOS**

**REVISTA DE
ESTUDOS
LUSÓFONOS,
LÍNGUA E
LITERATURA,
DOS COLÓQUIOS
DA LUSOFONIA**

CADERNO # 7 EDIÇÃO NOVº - DEZº 2010
DEDICADO A FERNANDO AIRES



CADERNO # 7 EDIÇÃO NOVº - DEZº 2010
DEDICADO A FERNANDO AIRES

TODAS AS EDIÇÕES EM <http://www.lusofonias.net/>

Editor **Colóquios da Lusofonia** (Chrys Chrystello coordenou este CADERNO)

Coordenação Chrys e Helena Chrystello

Os colóquios da lusofonia seguem a nova ortografia



Editado por

©™® atualizado janeiro de 22

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



Nota introdutória do Editor dos cadernos, Chrys Chrystello

Os Colóquios da Lusofonia decidiram na sua 11ª edição (4º Encontro Açoriano da Lusofonia, Lagoa, Açores 2009), preparar a publicação regular, *online*, dos despreziosos Cadernos (de Estudos) Açorianos que irão dar a conhecer excertos de obras de alguns autores de matriz açoriana que os Colóquios mais apreciam. Não sendo exaustivos, limitar-se-ão a abrir uma janela sobre uma escrita que entendemos ser diferente. Assim, brotaram em janeiro 2010 os CADERNOS em formato *pdf*, para acesso generalizado e de fácil leitura, a fim de divulgar autores da açorianidade. Essa era uma das conclusões dos colóquios que ora concretizámos. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer excertos de obras de autores de matriz açoriana... Pretende-se manter a publicação trimestral e tentar chegar a leitores nunca imaginados...

Os Colóquios decidiram também suprir o fecho da Cadeira de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores (criados por Martins Garcia e ministrados por Urbano Bettencourt) e conceberam um Curso Breve intitulado “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)” iniciado a 25 de setembro de 2010 na Universidade do Minho, Braga, Portugal (em regime presencial, <http://www.lusofonias.net/estudos%20e%20cadernos%20a%C3%A7orianos/estudos%20a%C3%A7orianos.htm>). Dos autores contemporâneos de que publicamos excertos nos últimos Cadernos, optamos por **Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa, Álamo de Oliveira, Caetano Valadão Serpa**. Para este 7º caderno temos **FERNANDO AIRES DE MEDEIROS SOUSA**, falecido em 9 de novembro 2010.

Para ajudar os que ora se iniciam em autores açorianos, convém referir a [bibliografia](#) que os colóquios compilaram, disponível em anexo a estes Cadernos. **Esta listagem será regularmente atualizada.** Exaustiva não é, decerto, mas é indicadora de quanto se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado e trabalhado. Nem todos os livros serão obras-primas, nem todos os autores relevantes. Por entre o trigo e o joio há bons trabalhos à espera de serem descobertos, lidos e ensinados. Nesta bibliografia incluíram-se autores contemporâneos açorianos (residentes, expatriados e emigrados), autores estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que debateram temáticas açorianas.



2009 (10 DE JUNHO). NA CÂMARA MUNICIPAL DE PONTA DELGADA, NUMA SESSÃO DE HOMENAGEM AO SEU GRANDE AMIGO EDUÍNO DE JESUS (PRESENTE NA FOTO).

Fernando Aires nasceu em Ponta Delgada (Açores) a 18 de fevereiro de 1928 e ali faleceu a 9 de novembro 2010.

Depois da Escola Primária, frequentou o Liceu Antero de Quental na mesma cidade entre 1940-1947, onde completou o Curso Complementar de Letras Matriculado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas.

Professor efetivo no Liceu Antero de Quental, cumulativamente orientou estágios pedagógicos durante vários anos e lecionou a cadeira de Psicopedagogia na Escola do Magistério Primário de Ponta Delgada. Com a fundação da Universidade dos Açores em 1974, ingressou nesta instituição. Aposentou-se na situação de assistente-convidado da Universidade dos Açores, cargo que exerceu de 1975 a 1994.

Pertenceu ao grupo que, nos anos 40, fundou o Círculo Cultural Antero de Quental, destinado a introduzir o Modernismo nos Açores, com Eduíno de Jesus, Soares de Albergaria, Eduardo Vasconcelos Moniz, Carlos Wallenstein e outros.

Colaborador assíduo da imprensa local e regional, bem como de revistas conhecidas regionalmente como a revista "Atlântica e Nova Renascença".

Fernando Aires revela-se um escritor com um estilo firme e excecional, com uma escrita elegante que nos cativa e fascina. Este conjunto de características viria a desenvolver-se num género literário onde predomina o memorialismo, que é caracterizado por abarcar relatos autobiográficos, que se manifestam na vertente diarística que o autor inaugura na produção literária açoriana.

De 1978 a 1989, fez parte da Direção do Instituto Cultural de Ponta Delgada.

Está representado na Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa, onde colaborou desde 1993.

Leitor de clássicos e modernos, viria a publicar um diário em 5 volumes que intitulou de "Era Uma Vez o Tempo" que obteve largo reconhecimento junto dos ilhéus e de alguma crítica especializada em Portugal e nos E.U.A.

Na ficção publicou dois volumes de Contos "Histórias Do Entardecer " (1988) que ganhou o primeiro prémio do Concurso Literário dos Açores/88.

Publicou ainda "Memórias Da Cidade Cercada " (1995) e a novela "A Ilha Do Nunca Mais" (2000) que confirmaram as suas qualidades de prosador.

Fernando Aires, professor, escritor, poeta, ensaísta, cronista em muitos jornais, marcou várias gerações ao lecionar História e Filosofia, incentivando os jovens alunos a irem muito além dos compêndios oficiais.

Bibliografia – alguns dados

1. (1960). *Faria e Maia e Antero. Subsídio dos Açores para a História da Filosofia*, tese de licenciatura, Universidade de Coimbra, ed. autor,
2. (1961). *Faria e Maia e Antero. Ensaio*. Angra. União Gráfica Angrense.
3. (1981). "José do Canto Vivo". *Separata da Revista Arquipélago, Ciências Humanas*. Universidade dos Açores. Ponta Delgada, nº 3.
4. (1982). *José do Canto, subsídios para a história micaelense 1820-1898*. Universidade dos Açores. Ponta Delgada,
5. (1982). "Afonso Chaves". *Separata Revista Açoriana*. Ponta Delgada,
6. (1985). "Alice Moderno, a mulher e a obra". *Separata da Revista "Insulana"* vol. 41
7. (1988) "Delinquência e emigração em São Miguel na primeira metade do séc. XIX". *Sep. Revista Insulana*. Ponta Delgada
8. (1988) *Diário 1*. Lisboa. Ed. Salamandra.
9. (1988). *Histórias do Entardecer*. Contos, ed. SREC col. Gaivota. Ganhou o concurso literário Açores
10. (1990). *Era uma vez o tempo. 2º vol.* Ponta Delgada, ICPD
11. (1991). *Diário 2*. Lisboa. Ed. Salamandra.
12. (1993). *Diário 3*. Lisboa. Ed. Salamandra.
13. (1995). *Memórias da cidade cercada*. Contos. Lisboa, ed. Salamandra
14. (1997). *Era uma vez o tempo. Diário IV*. Lisboa, ed. Salamandra
15. (1999). *Diário 5*. Lisboa. Ed. Salamandra.

Atualização da bibliografia em

<https://www.lusofonias.net/5-bga-bibliografia-g-a%C3%A7orianidade.html>

Outras páginas sobre o autor (ver no suplemento):

- 🔍 [Recensão sobre Era Uma Vez o Tempo](#)
- 🔍 [Recensão sobre Memórias da Cidade Cercada](#)
- 🔍 [Recensão sobre Era uma Vez o Tempo – Diário V](#)
- 🔍 [A Criação diarística em Fernando Aires](#)



FERNANDO AIRES COM OS PAIS, POR VOLTA DOS DOIS ANOS.



JOSÉ DO CANTO VIVO

por
FERNANDO AIRES M. SOUSA

A Correspondência de José do Canto

De José do Canto — importante homem de negócios do século XIX açoriano, biblífilo ilustre, notável coleccionador de plantas — nos propomos falar aqui. O *Plínio o Moço* dos Açores, lhe chamava António Feliciano de Castilho, seu amigo e seu compadre. Alguns traços da sua natureza íntima serão o tema deste apontamento, capítulo primeiro de um trabalho mais vasto que intitulámos *José do Canto Vivo. Subsídios para a História Micaelense*.

A maior parte da Correspondência de José do Canto tem jazido esquecida no pó da nossa Biblioteca Municipal, ou guardada nas gavetas de particulares, praticamente por desbravar. Dadas a público, que saibamos, apenas as *Cartas Particulares do Sr. José do Canto aos Srs. José Jácome Correia e Conde de Jácome Correia*, Ponta Delgada, 1915, coligidas por Aires Jácome Correia. Sabíamos que o ilustre historiógrafo e musicólogo micaelense, Dr. João Bernardo de Oliveira Rodrigues, empenhado em acautelar alguma dessa correspondência, obtivera autorização de uma senhora da Família Canto para entregar em mãos do então zelador da nossa primeira Biblioteca, Jão de Simas, uma parte daquele espólio — o que efectivamente fez. Sabíamos também que outra parte, assaz volumosa, dera

FERNANDO AIRES M. SOUSA

entrada nos depósitos da mesma biblioteca juntamente com a Livraria adquirida à Família pela Junta Geral após a morte do último filho de J. do Canto, Margarida Canto Hintze Ribeiro, conforme o estipulado no testamento do seu proprietário ¹. E era tudo o que sabíamos. Tomámos, então, a resolução de conhecer esta documentação — e assim nasceu o referido trabalho do qual seleccionámos o capítulo que se segue.

José do Canto íntimo

Penetrar numa correspondência e esperar evocar por meio dela um mundo já passado de sentimentos, de realidades fluidas, de acontecimentos diluídos no tempo, exige um paciente e delicado labor da dedução, da imaginação e da experiência pessoal vivida, além de uma espécie de empatia raramente bem conseguida. E mesmo que no fim se obtenha algum trigo de razoável qualidade nesta seara extremamente vasta e complicada que é a vida, a verdade é que a realidade é demasiado rica e instável para ser traduzida pelos quadros esquemáticos das nossas representações. É esta, aliás, a contingência de toda a ciência que se faz. Bem ousado é, pois, o propósito de quem quer reconstituir as parcelas de um tempo que nos foge por entre os dedos, mesmo tendo em conta os documentos espalhados pelos arquivos, os jornais da época, os testemunhos das pessoas — que tudo isto consultámos.

Rico proprietário micaelense, José do Canto nasceu em Ponta Delgada a 20 de Dezembro de 1820 e nesta cidade faleceu a 10 de Julho de 1898. Os seus restos mortais repousam na Igreja de Nossa Senhora da Vitória — vulgo Ermida José do Canto — que fez edificar nas margens da Lagoa das Furnas, em resultado de um voto feito por ocasião de uma grave enfermidade de sua mulher.

¹ V. Nota 1 do Apêndice.

JOSÉ DO CANTO VIVO

Era filho do Morgado José Caetano Dias do Canto Medeiros e de sua primeira mulher, D. Margarida Isabel Botelho. Após as Letras Elementares ² frequentadas na sua terra natal, foi mandado para o colégio de Fontenay-aux-Roses, Paris, que na década de 1830 era governado por um religioso português, Frei José da Sagrada Família. Porém, pouco tempo se demorou em França nessa fase da sua vida. De regresso à sua ilha, decerto não descuro os estudos nos dez anos que se seguiram, pois que aparece, em 1840, matriculado em Coimbra, na Faculdade de Matemática ³. De qualquer modo, também por lá se não demora. Segundo parece, por influência de seu pai — que via ameaçado, pela prolongada ausência, o casamento com a rica herdeira que desejava para seu filho — interrompeu o curso e voltou para S. Miguel onde, com efeito, casou em 1842 com D. Maria Guilhermina Taveira Brum da Silveira, de família faialense, por via paterna, herdeira de vastas propriedades nas ilhas do grupo central.

«Alto, desempenado, com a cabeça sempre erguida como Pompeu», eis como o descreve Augusto Loureiro seu contemporâneo. «Marchava com o passo aberto e rápido da actividade corajosa. A sua physionomia tinha os tons graves da delicadeza; (...) lábios desfranzidos n'um semi-sorriso perenne, não dos sorrisos sardónicos de Gavarni, mas sorrisos de afabilidade acariciadora» ⁴.

Com efeito, devia impor-se por algo que vinha não só da sua posição social e da sua fortuna pessoal, recomendações que muito pesam em todos os tempos, mas também pela distinção de cavalheiro educado, instruído, inteligente. O mencionado cronista da *Actualidade*, descontados os exageros da imagem literária e da intenção de agradar, ajuda-nos a concretizar este

² Por uma carta de Pedro Jácome, sabemos que foi aluno do Padre João José d'Amaral (V. Cx. n.º 1 da Correspondência de J. do Canto Vivo — Biblioteca Municipal de Ponta Delgada).

³ V. Júlio de Castilho, *Memórias de Castilho*, 2.ª edição, vol. V, p. 164, Coimbra, Imp. da Universidade, 1932.

⁴ V. «A Actualidade», n.º 59 de 20/Nov./1898.

perfil quando relata o seu encontro com José do Canto em 1876, na esplanada do primitivo Coliseu dos Recreios de Lisboa: «Tinha elle chegado, ou partia para Paris, n'aquelle dia. A sua figura esbelta e trajo *comme il faut*, o seu rosto alegre e franco, emoldurado n'uma cabeleira e barbas louras, caracterizando-o de raças typicas do norte, para logo aguçou a curiosidade dos assistentes. Durante duas horas passeiámos ao longo da esplanada (...) emmaranhados num cavaco animado em que José do Canto, com aquella sua palavra vibrante, fluente, pitoresca, incisiva, tal a do seu estylo escrito, falava alto como quem não ocultava reservas de consciência. Quando elle se despedio, um amigo acercando-se de mim, perguntou-me quem era aquelle personagem que, dizia elle, se salientava no amálgama dos typos que compunham a vulgaridade indígena. No dia seguinte o *high-life* do Diário Ilustrado noticiava lisongeiamente a passagem de José do Canto por Lisboa»⁵.

Este episódio assim contado, retrata-nos, quase no estilo queiroziano, um José do Canto irmão gêmeo de Carlos da Maia, embasbacando Lisboa com o seu ar de grande senhor, merecendo honras de noticia no *high-life* do Diário Ilustrado. Porém a sua elegância não foi a do «poseur», nem a sua vida a do *dilettante* dissipador e inútil que Eça de Queiroz critica no seu herói. Pelo contrário, ao longo dos 78 anos da sua existência, não escassearam os momentos de entrega às obras de civilização, nem os projectos de fecundas consequências para a sua Casa e para a terra do seu berço.

Escravo da pragmática do *self-respect*, impunha respeito a quem com ele privava. Mas esse respeito não inibia os outros nem os afastava do seu convívio. É que possuía também o dom raro de inspirar os sentimentos da mais sincera amizade, palpável, aliás, nas cartas que lhe dirigem seus filhos, irmãos,

⁵ *Ibid.*, Júlio de Castilho, nas suas Memórias de Castilho (2.ª edição, vol. V, p. 164, Coimbra, 1932), confirma este retrato de José do Canto dizendo dele que era «um mancebo (...) com aparência muito distinta, loiro, levemente arruivado, barba curta, alto, e de primoroso trato».

sobrinhos e amigos e que confirmam particulares dotes de simpatia pessoal e de bondade.

Bem sabemos que faziam parte dos hábitos do tempo as fórmulas de cortesia que minuciosamente se cumpriam. A teia das relações sociais, mesmo entre parentes próximos era, há cem anos, ao mesmo tempo, mais cerimoniosa e mais calorosa. Mas para além dos costumes e das fórmulas, são inequívocos os testemunhos de verdadeira estima que ressaltam da correspondência que tivemos entre mãos e que podíamos abundantemente documentar aqui.

É evidente que não é fácil reconstituir uma personalidade a tal distância no tempo. Já não estão vivas ou eram então muito crianças as pessoas que conviveram com um homem que faleceu em 1898. Por outro lado sabemos como o tempo e a morte transfiguram a realidade. Uma personalidade, porém, projecta-se naquilo que faz, naquilo que escreve, na impressão que produz. Cartas como a que se segue, do poeta Joaquim de Araújo⁶ já revelam alguma coisa da intimidade que procuramos captar:

«Estava num certo cuidado pelo silêncio de V. Ex.^a e se este paquete me não trouxesse carta sua, dirigir-me-hia a outrem sollicitando as suas noticias. Felizmente que estas vieram, senão boas, ao menos melhores do que as que o anterior paquete me poderia ter trazido. Oxalá que no immediato correio ellas se completem com as de um prompto restabelecimento. Ninguém mais do coração lho deseja: vel-o doente é, além de tudo, perder estes momentos de conversa que lhe consagro e que V. Ex.^a amorosamente me retribue».

Ora isto não nos parece um testemunho de convencional polidez, de mera observância das regras sociais. Para cumprir aquela e estas, mais não bastariam que duas linhas de correcto

⁶ Cônsul de Portugal em Génova e assíduo correspondente de José do Canto.

português usando as fórmulas comuns na época. Na verdade, Joaquim de Araújo, com intuição de artista descobrira, no seu amigo açoriano, uma natureza irmã da sua. Embora tivesse escrito: «nunca em minha longa vida fiz um verso, apesar de ter lido imensa quantidade deles»⁷, José do Canto tinha uma especial apetição por tudo que toca a imaginação e a sensibilidade. Não falando no seu sincero amor pelos poetas, noutro lugar⁸ suficientemente documentado, foi um apaixonado criador de Beleza nos seus maravilhosos parques e jardins e no romântico templo de Nossa Senhora da Vitória, pequena e delicada jóia de pedra que espelha o seu perfil melancólico nas águas da Lagoa das Furnas e guarda os seus restos mortais.

Na Correspondência, reflexo dos seus sentimentos, surpreendemos aqui e ali, num gesto, num desabafo, num comentário, as raízes escondidas do seu modo de ser. Escrevendo às irmãs, de Paris (em 10 de Setembro de 1867), depois de exprimir o vivo interesse e prazer com que tinha recebido notícias da Ilha e da Família, advoga com calor e emoção o caso do mestre Manuel, velho marceneiro de sua Casa, ligado às suas recordações de infância. Respondendo a queixas de sua irmã Maria Libânia a quem dá *toda a razão*, diz:

«... ninguém melhor do que eu pode dar testemunho das febres que elle faz crear, e dos prejuizos que por seus descuidos causa. Tudo isso é verdade e muita verdade, e talvez lhes admirará que à vista disto eu me metta nas suas mãos? A razão é simples. O M.^o Manuel vio crear-nos e talvez fizesse alguns carrinhos em que dêssemos por essa vinha os nossos passeios; tem assistido zeloso a todas as festas e mágoas da nossa família, tanto quando algum de nós veio ao mundo, como quando tem sido necessário restituir-nos à terra; a sua amisade nunca n'estas grandes occasiões se desmentio, e é uma

cousa hoje tão rara estas antigas testemunhas da nossa vida doméstica, que as respeito, e soffro antes os defeitos do génio e da idade, do que deixar de conservar estas tradições tão saudosas. Perdem-se uns centos ou contos de reis, soffrem-se contrariedades de ordem maior, mas o coração fica satisfeito com esta fidelidade d'affecto (...)».

Estas mesmas disposições generosas e de escrupulosa honestidade se patenteiam em outras ocasiões, como quando escreve sobre o assunto da Doca de Ponta Delgada:

«Tudo o que eu desejaria ponderar, era a inconveniência do systema de suspeita e desconfiança a respeito de todos os empregados estrangeiros, que o Presidente da Commisão inaugurou. Conheço o Felix da escolla, faço-lhe completa justiça, acreditando que n'este seu proceder não há pensamento reservado, mas tem havido de certo da sua parte muita imprudência na maneira por que em público e particular, diante de amigos e estranhos, tem falado de pessoas a quem elle tinha obrigação ou de acusar officialmente, ou então de lhe dar força moral, e nunca de os desacreditar sem fundamento, tendo mais do que ninguém os meios de verificar a realidade das acusações». Em seguida acrescenta, comprovando as suas asserções: «Diante de mim o ouvi em bailes e serões, achincalhar e accusar das mais graves faltas, Mr. Plews, Mefre e Rigby, e mesmo Rennie. E n'outras occasiões mais solemnes o ouvi usar de uma lingoagem não menos comedida. Quando o público em geral sabe que o Presidente da Junta, que melhor que ninguém deve saber de tudo o que se passa, se expressa em termos tão desabridos, que deve pensar senão, que toda aquella gente é uma corja de ladrões e de ignorantes?».

Ao recto juízo e à elegância moral aliavam-se sempre, em José do Canto, o fino sentido do que convém fazer:

«Que ganha o público com esta lingoagem? — continua ele. Ficar desconfiado de tudo e de todos; e a

⁷ V. «A Actualidade», n.º 42, de 24/VII/1898.

⁸ Referimo-nos ao estudo, em preparação, *José do Canto Vivo — Subsídios para a História Micaelense*.

obra ganha o ser dirigida por homens desacreditados e sem força moral necessária para levarem a cabo empresas d'estas (...). Que ganha a Junta? recrescerem-lhe as dificuldades». E a concluir diz: «Ao Rigby, não conheço nem vi nunca. A Plews visitei-o no segundo dia da minha chegada, não me visitou, nem nunca mais me falou a mim, nem eu a elle. Com Rennie tenho falado, quando o serviço público me tem a isso obrigado». E depois de assim estabelecidos os fundamentos da sua isenção, visto a nenhum deles dever «um só favor, nem civilidade sequer», perguntava: «mas authoriza-me isso a diffamar-os? Nem mesmo com fundamento, procede assim nenhum homem que se estima!»⁹.

Tudo isto é contado a um amigo íntimo, José Jácome, a quem ele não tinha neccssidade de fazer alarde e propaganda dos seus escrúpulos de consciência. Por isso o interesse do documento.

Em outras ocasiões se confirma sobejamente os traços fundamentais deste perfil de homem, como, por exemplo, quando nos conta os pequenos incidentes que em Paris o indispuseram com António Borges¹⁰, episódio sem grande importância e sem consequências sérias, mas bastante revelador das delicadezas de alma e da fina educação que caracterizavam José do Canto¹¹.

E se uma carta escrita de longe, carregada, embora, da afectividade que a saudade da Pátria distante faz nascer, se uma carta assim pode ajudar a desvendar uma natureza íntima, aqui a incluímos e a deixamos à ponderada apreciação de quem a ler. Foi dirigida de Paris, ao mesmo querido amigo, José Jácome, e tem a data de Dezembro de 1863. Dela se extrai o seguinte passo:

«... mas o que me restabeleceria completamente ao meu antigo vigor seriam umas férias absolutas (...)

⁹ V. *Cartas particulares do Sr. José do Canto aos Srs. José Jácome Corrêa e Conde de Jácome Corrêa*, Ponta Delgada, 1915.

¹⁰ Outro grande apaixonado por plantas exóticas e pelos problemas da aclimação.

¹¹ V. *Ob. cit.*

ver e examinar as plantinhas, classificá-las, descobrir algumas novas que, introduzidas, possam ser úteis ou elegantes, bordejar num bote, fazer as minhas excursões no campo e passar de vez em quando meia dúzia de dias subindo e descendo vales; variar a minha leitura entre alguma crónica antiga e um volume de boa e verdadeira poesia, edificar um pouco sem nenhuma das quesílias que as obras na nossa terra dão; jantar na companhia de bons amigos, descansar os serões em convivência fraterna e recordar cenas da infância, ou a fazer projectos de futuro; não ter nem pensar em demandas; paz doméstica, consciência tranquila, ajudar o próximo e não saber nunca em que se há-de empregar o dia de amanhã, eis aqui um belo ideal». (*Cartas particulares de José do Canto a José Jácome*, Ponta Delgada, 1915)¹².

Este ideal de vida podia servir de programa a um humanista do *Cinquecento*. Descontadas as circunstâncias em que foi escrita (aliás as mais propícias para revelar um homem a si-mesmo) tem não só a dimensão do Homem de todas as latitudes, como também o sabor particular da alma insular no exílio, mais aquilo que a cultura e a educação lhe deram por acréscimo. Ali há de tudo: as curiosidades do naturalista e do coleccionador, as exigências do esteta, o entusiasmo da Natureza e dos livros, o sentimento bem português das coisas simples, o affecto do lar acolhedor e amigo ...

De resto, este apego ao lar original, parece fazer parte integrante do seu ser profundo. É de notar que, ainda adolescente, enviado a França a frequentar o Colégio de Fontenay-aux-Roses, por lá foi acometido de negra melancolia que o obrigou, de urgência, a voltar à terra natal, só aqui encontrando a cura para o estado de doentia prostração a que chegara. O passo da carta em referência: «... mas o que me restabeleceria completamente ao meu antigo vigor seriam umas férias absolutas ...» (na terra natal, como é evidente) parece ser o eco de uma

¹² V. Nota 2 (Apêndice).

reacção, no fundo, semelhante à de outrora, revelando uma constituição especialmente sensível à mudança de meio, acusando a dificuldade de adaptação que o ilhéu acusa sempre quando posto em contacto com os costumes estranhos e com as terras que não são suas ... apesar da vontade constante de partir que o caracteriza.

Num pequeno opúsculo que deu à estampa em 1852, procurando justificar a sua recusa ao convite que a maioria do Colégio Eleitoral e muitos dos seus patrícios lhe fizeram para deputado, José do Canto exprime-se nestes termos e ainda na linha dos sentimentos que definimos: «... encontrarei mais sinceras e profícuas inspirações a favor da pátria, no remanso da minha família, do que no turbilhão da Capital, longe d'amigos e afastado do quotidiano espectáculo de nossas precisões»¹³. E isto ganha sentido claro depois do que se disse.

Ao contrário de seu irmão Ernesto do Canto, o ilustre historiógrafo que ocupou, podemos dizer, quase todos os lugares da Administração Pública no distrito de Ponta Delgada, José do Canto foi um homem avesso a cargos de representação pública que eram a seus olhos, um castigo, «contrariando, na parte mais sensível do meu carácter, todos os meus propósitos e inclinações», como ele próprio confessa no referido opúsculo¹⁴.

¹³ *Aos Michaelenses que pretendiam eleger-me deputado*, Ponta Delgada, 1852, p. 15.

Ainda em outras páginas que escreveu reflecte os mesmos sentimentos: «... eu quando dormia no meu ninho levado, sem o sentir, pela suave corrente da minha pacífica vida, todo embebido nas afeições que me rodeiando, no estreito círculo do repouso doméstico; (...) no meu leito de rosas esqueci que sofrimento padece o ausente (...) eu sim, eu que tudo o que é pensar na minha terra é prazer e alívio (...)» (Carta de Coimbra, 19 de Abril de 1841 in *Cartas Particulares do Sr. José do Canto aos Srs. José Jácome e Conde de Jácome Corrêa, 1841-1893*, Ponta Delgada, 1915).

¹⁴ Foi, todavia, procurador à Junta Geral do Distrito em 1857.

Razões como a decadência extrema das finanças do país, a anarquia social, a desonestidade dos governantes, aliadas a motivos de ausência de dotes pessoais que modestamente invoca, lhe pareciam argumentos suficientes para escusar-se a tais cargos. Porém, mais fundas, podemos lobrigar nas entrelinhas desta justificação pública outras e mais complexas razões — as já admitidas e apontadas: aceitar o cargo de deputado era meter-se no horror do turbilhão da grande cidade e da política que lhe exigiriam inevitavelmente o afastamento dos seus familiares, dos seus hábitos caseiros, dos seus amigos, dos ares lavados dos seus campos e (porque não dizê-lo?) dos seus negócios de lavrador rico. O hábito das madrugadas junto dos seus homens de lavoura, percorrendo a pé as suas propriedades, gostando de sentir a paz do campo, não se podiam coadunar com a vida agitada de uma Lisboa sacudida pelos movimentos de rua, pelo enredo das maquinações políticas e das infundáveis arengas da Câmara, tão contrárias ao seu feitio intimista e ordenado, mais dado à leitura dos poetas e às tarefas gratas do colecionador de plantas e de livros.

Vivendo em Paris o tempo suficiente para apreender o essencial das tendências e das convicções do europeu do séc. XIX, suficientemente informado para compreender que um dos problemas capitais da sua época era o da salvaguarda do Homem e da sua dignidade, José do Canto mostra-se capaz de uma avaliação segura dos perigos que, para o equilíbrio e felicidade dos homens, representavam o progresso desregrado das invenções e a busca generalizada de um utilitarismo puramente material.

Reagindo ao ritmo de vida cada vez mais acelerado que já nota no seu tempo, profeticamente anuncia nestas palavras, escritas em 1867, o que virão a ser os sentimentos e as apreensões dos homens do século XX:

«Viémos ao mundo n'um século de transição, que nos obriga ao duplo ou triplo do trabalho intellectual e dos cuidados que tiverão nossos paes, e isto simples-

mente para seguirmos de longe o progresso do século. É desta superexcitação que nos vem os nossos achaques; porque a nossa máquina foi feita para uma certa somma de trabalho, e tudo o que excede esse limite natural, causa estragos na economia, e principalmente no systema nervoso em dependência mais directa do cérebro, que só podem ser reparados até certo ponto por uma abstenção completa da acção. A raiz do mal e o remédio, são sem dúvida estes que aponto. Mas o mal já está feito, sem o termos percebido, e o remédio só o poderia haver, se ainda os conventos de frades existissem, e nos resolvessemos a passar alguns annos de vida monástica, cessando assim todas as responsabilidade Moraes que nos firão»¹⁵.

Mas a prossecução de tal ideal de serenidade e de recolhimento mostra-se, a seus olhos, praticamente irrealizável. Perante a monstruosa engrenagem que se prepara, não pode deixar de sentir a completa impotência ao dizer que «continuar a existir em sociedade, e na sociedade actual, e esperar ou calcular com o precioso socego, é como alguém que largando uma pedra do alto d'uma montanha, tivesse a pretensão de a fazer parar no meio da carreira». Impossível, portanto, tentar fugir...

Por tudo isto se poderá avaliar o quanto lhe teria sido penosa, por vezes, a sua prolongada residência em Paris, ainda por amor dos filhos, não suportando a ideia de os ter longe do lar e entregues às dolorosas experiências de uma acomodação em país estranho que ele bem conhecia da sua juventude. E não resiste em confessar aos amigos mais íntimos o que lhe vai na alma, na busca ansiosa de um alívio: «... não imaginas a melancolia que se apodera de mim», escreve a José Jácome. Sofre com os ásperos invernos de Paris onde o frio glacial, o céu sombrio e as árvores despidas e crestadas, lhe provocam acesos de negra tristeza: «... a minha alma voa para essas regiões afortunadas em que nascemos, aonde a natureza é risonha, sem diferença de estação, e em que a Providência se mostra tão

¹⁵ V. *Cartas Particulares* ...

benigna no meio do verão como no rigor do inverno! Paciência! Não toquemos em chagas muito antigas (...).

Infelizmente ainda lhe faltam alguns anos para o regresso e não suporta estar permanentemente ausente. Durante esse longo período de quase 14 anos, muitas vezes foi a S. Miguel, em negócios, sim, mas também a mitigar as saudades da Ilha-mãe, tão profundamente enraizada no seu sentir.

Por carta da mulher¹⁶ para a cunhada Isabel do Canto, se desvenda um pouco mais o que foi esta estadia na capital da França. Talvez com algum exagero, Maria Guilhermina do Canto Brum diz:

«O Primo¹⁷ tem passado bem mal todo o inverno; (...) sempre triste e magro, com o cuidado nos doentes, e quase sempre com dores de barriga e de estômago, mesmo sem comer nada que lhe podesse fazer mal (...); sempre com o sentido das cartas que háde receber, se são boas notícias, fica mais alegre se são más fica logo com desarranjos de barriga, e mal do estomago e aborrecido e frenético com tudo que é uma tristeza e agonia vel-o (...).

Este estado de espírito coincide perfeitamente, aliás, com o que escreve de Paris em 8 de Julho de 1859: «Contar-lhes o que faço? Não faço nada. Vivo n'uma grande languidez e apatia ...».

É verdade, também, que em Paris não viviam em condições ideais — o que decerto contribuiria para explicar essas crises de depressão e o mal-estar do casal. Maria Guilhermina, num P. S. desabafa:

«... sem gostar nada da casa, porque mesmo não tem comodidades como nós precisamos» — escreve. E depois: «... não a achava muito cômoda por causa de

¹⁶ Enviada de Paris na Primavera de 1860. (V. espólio do Dr. E. Rego).

¹⁷ Tratamento dado ao marido.

¹⁸ Aqui palavra ininteligível mas que talvez seja «cour», páteo.

ter uma (?...) onde se depositava as porcarias da cozinha e que todos os 15 dias é preciso despejar e é um fedor por toda a casa que nós já infelizmente temos a experiência porque n'esta casa onde estamos é assim (...) tão bem achava que se estivéssemos doentes ali avia de ser bem incomodo pela razão de ter o caminho de ferro ao pé e ser uns guinchos insuportáveis (...).¹⁹

Sabemos que no período de Paris não habitaram sempre esta casa de Auteuil. Mas como quer que fosse, é evidente que a vida não tinha ali os requintes e as comodidades a que estavam habituados na longínqua terra natal. Claro que isso deprime e faz sofrer e leva a desejar de modo particularmente intenso o regresso ao lar.

Depressão é uma designação geral que serve para classificar toda uma série de estados particulares que vão da neurastenia passageira à esquizofrenia. Não vamos exagerar e afirmar, de ânimo leve, que José do Canto sofresse de algum daqueles transtornos que os psicólogos tanto gostam de enumerar e de caracterizar nos seus tratados. Todavia, pelos documentos que tivemos entre mãos, nos parece tratar-se de uma natureza complexa, ora fechado em si-mesmo, desejando acima de tudo a paz do seu gabinete, vivendo todo para as intimidades domésticas, para a leitura dos seus poetas; ora na disposição de agir, instruindo, edificando, levado por uma exigência de racionalizar a acção e de melhorar a qualidade da vida, embelezando-a, enriquecendo-a, tornando-a mais fácil. De resto, a contradição e os extremos estão onde está o homem ...

O testamento que redigiu a 27 de Junho de 1862, vem acentuar as linhas deste retrato de um homem vibrátil, capaz de comoção, em que há uma ponta de sentimento romântico, aliás tão ao estilo da época. Leia-se por exemplo, esta passagem:

«A campa que pousa sobre os ossos de um Pae, não se esquece, mas se minha Esposa ou filhos a quizerem assinalar, não ponhão n'ella outro destintivo mais do que uma cruz rústica entre algumas plantas agrestes».

¹⁹ Outra passagem da carta citada.

E, novamente, o apego à terra do seu berço:

«Se a Providência destinar que eu faleça longe de meu lares, peço que conduzão os meus restos para a terra de meus Paes».

Mas, no resto, alguém que sabe de negócios, senhor de uma linguagem que não deixa dúvidas, atento a todas as possíveis eventualidades, prevendo-as, dando-lhes respostas adequadas, frio e correcto como um homem que compõe o seu livro de Deve e Haver:

«Quando meus filhos entrem no disfructo de minha terça, quer por serem todos maiores na ocasião do obito de sua Mãe, quer por ter cessado a administração com a maioridade do último d'elles, seguir-se-ha a seguinte ordem: — Todos os dous annos escolherão meus filhos um d'entre si, para administrar a dita terça e arrecadar os seus rendimentos; e o producto liquido d'elles será no fim de cada anno civil impreterivelmente repartido em partes eguaes por todos os meus filhos vivos sob pena de perder aquelle meu filho que administrar a referida terça, e não cumprir fielmente esta determinação, a quota parte que nesse anno lhe tocaria; a qual reverterá a favor de todos os outros meus filhos»²⁰.

Um filho, António do Canto Brum, amargurou-lhe grande parte da vida, sobretudo na fase final.

Era interessante fazer um estudo do carácter deste membro da Família Canto, mas não é este agora, propriamente, o propósito que nos conduz. Todavia, sempre diremos que desde cedo se mostra muito diferente do irmão José²¹ que era dócil, apli-

²⁰ V. espólio do Dr. E. Rego.

²¹ Este filho de José do Canto, a partir de fins de 1872, foi acometido por crises de loucura. A este propósito se referem os documentos da Nota 3 (Apêndice).

cado e sociável. Nas cartas que José do Canto escreve de Paris na década de 60, ao tempo em que António do Canto frequentava um colégio de rapazes, já há desabafos frequentes:

«O António tem crescido muito pouco, mas vai bem de saúde, se a preguiça não é doença. Ultimamente estava reduzido a não fazer nada e foi preciso renovar com elle a lucta que tinha suspendido, com manifesto beneficio da minha saúde. O caso é que elle já teve a habilidade de me fazer derreter as carinhas que tinha ha duas semanas; mas a trôco pôde sahir hontem, 4.^a feira, por obter a sua média de notas, cousa que ha muitas semanas não acontecia, sem que lhe fizesse impressão o Josézinho sahir todas as 4.^{as} feiras, e elle ficar lá (...)»²².

Nas *Cartas Particulares*, na pág. 121, José do Canto traça o perfil desse seu filho mais velho nesta eloquente síntese:

«O António, de todos os meus filhos, é o que me tem consumido maior somma de disvellos com menor resultado aparente (...). A sua bossa dominante é a independência; revoltou-se desde a infância contra toda a authoridade, contra toda a regra, e só à força de perseverança se tem sujeitado às fórmulas sociais, e deveres domésticos. O que tenho conseguido não é sólido; 15 dias de convivência com rapazes esturdios, nem tanto, bastariam para os seus instintos se revelarem com violência igual à compressão que tem tido; mas se as circunstâncias permitirem que eu o acompanhe por mais alguns annos e se elle for bem sucedido nas suas primeiras provas litterárias, tudo isso consolidará a obra artificial da educação. Elle tem uma boa intelligência, é muito perspicaz, tem um grande amor de glória ou elevação, mas estas boas e decerto grandes qualidades são destruidas pelo seu espirito de rebeldia, por um excesso de amor-próprio, e por uma certa indolência meridional, que lhe não permite a perseverança nos seus bons Propósitos».

²² V. espólio do Dr. E. Rego.

Costuma-se ler nos livros da especialidade que uma criança perversa é uma criança pervertida pela falta de compreensão e de amor. No caso de António do Canto, não parece ter acontecido assim. O Pai mostra-se um homem sereno e lúcido, suficientemente reflectido nas coisas da Educação e bastante perspicaz para, conhecendo o fiho, esforçar-se por aplicar-lhe a terapêutica conveniente com o comedimento, a persistência e o interesse que só podem ser filhos do amor.

Mas de pouco lhe valeu tal dedicação. É este filho quem, mais tarde, abandona a casa paterna com fundo desgosto do pai. Desse episódio temos noticia por uma carta de J. do Canto²³:

«Não tenho nada a observar-te, sobre o teu intento de queres habitar a ilha do Fayal, do que a terra onde nasceste (...). O que me parece ver em tudo isto é a prosecução de uma ideia fixa que te domina — a de viveres fora do teto paterno, cousa que de certo te é hoje lícito, podendo legalmente dispor da tua pessoa, e a que eu não posso nem desejo opor-me directa nem indirectamente, mas para que tão bem não concorrerei quando não approvar.

Na primavera de 1865, quando eu começava a convalescença de uma moléstia mortal, escreveste-me uma carta insolente, para sahires para fora da casa de teus paes. No Outono d'esse anno fugiste d'essa mesma casa, que parece aborreces pelo unico facto de n'ella se manter ordem e disciplina, deixando a tua família na mais cruel anciedade, sem teres a pia lembrança de poupar os teus aos mais graves receios, deixando uma palavra que os tranquilizasse ao menos sobre o facto da tua existência ...».

Este «filho família», cheio de tendências incivis, é nitidamente o tipo do «novo bárbaro» que o século XIX, iconoclasta, ajudou a gerar e que acentua os seus defeitos no tempo em que vivemos. A civilização do século passado, toda voltada

²³ De Paris, 23 de Abril de 1868. (V. espólio do Dr. E. Rego).

para a ciência e para a técnica, criou a abundância e a facilidade e isto fez perder de vista, à geração dos novos, o significado que para o têmpero da vida tem o esforço árduo, as dificuldades de vida, a limitação dos recursos.

Abundância e facilidade conheceu, naturalmente, António do Canto Brum no seio de sua família — apesar da disciplina a que o pai o procurou submeter e do consciente e sincero esforço que empreendeu na tarefa da sua educação. As circunstâncias, porém, ultrapassaram este pai diligente e devoto: António do Canto acusava evidentes desequilíbrios, intolerância a qualquer forma de disciplina, insuperável indolência e mesmo apatia na acção, os defeitos típicos do bem-nascido e que ainda por cima informa e amadurece a sua adolescência no seio da grande Paris, cidade então agitada por rebeliões e irreverências de toda a espécie.

Até que ponto essas formas de aculturação europeia deram o seu contributo para as transformações verificadas nos costumes de um certo estrato da sociedade micalense do séc. XIX, é ainda assunto para se estudar. Se juntarmos estas heranças da velha Europa às provenientes do Novo Mundo americano, canalizadas estas pela massa migratória dos malquistos da fortuna, estaremos, talvez, dentro do substracto que compõe as formas de vida e de mentalidade desta encruzilhada geográfica que se chama os Açores.

Enfim, como quer que seja, no que toca a José do Canto, temos alguém que respeita os valores em que fora educado, mas também um homem aberto ao evoluir dos tempos — de modo nenhum o tradicional «pai tirano», truculento e implacável, ligado aos «ídola fori» consagrados pela gente da sua classe:

«... Não te reclamei quando fugiste — continua na mesma carta — porque assim como nunca expulsaria um filho, tão bem nunca o obrigaria a entrar no lar doméstico, que lhe repugna. Recebi-te n'essa mesma casa que poucos dias antes evitaras, porque assim quizeste; e fi-lo sem uma exprobação, sem a exemplar punição que o caso merecia. A maneira por que pro-

cedi, sendo tu menor, indica claramente qual será o meu procedimento sendo tu maior (...).

E remata:

«Do mesmo modo nunca a minha porta se fechará a qualquer dos meus filhos, seja qual for a natureza, ou a gravidade das suas sem razões, se a mão da adversidade os compelir a procurar na casa de seus pais o abrigo que lhes escassear fóra. A única condição, e inútil de especificar, é que nella se respeitem as pessoas, os são princípios e a ordem.

Tendo estabelecido a minha maneira de pensar em tão transcendente matéria, e o modo por que hei-de sempre proceder, compete ao meu filho adoptar e seguir o que mais lhe convier, restando-me só dirigir à Providência votos sinceros para que o encaminhe por vias seguras, e o torne tão feliz e próspero, como pode desejar para si próprio

Teu Pae verdadeiro

José do Canto».

É um longo documento este, mas suficientemente eloquente para completar a imagem do homem que vimos definindo. Sente-se ali o desgosto provocado pela atitude do filho, mas não há um insulto, uma dissonância de gosto duvidoso, uma violência que inferiorize. Estamos perante um homem magoado na alma, mas perfeitamente capaz de dominar as emoções e dizer a palavra exacta no momento oportuno.

Já no fim da existência, doente e só, faz vida recolhida na sua casa de Santa Ana, afastado do convívio das salas e do borbório das reuniões sociais. Para quem, como ele, cultivava com fervor a vida de família e as relações de amizade, como teria sido duro esse isolamento no meio dos fantasmas dos que ele amara — a mulher, os irmãos, o amigo dilecto, José Jácome Correia — todos já levados pela morte. Restavam-lhe ainda alguns irmãos (entre eles, o ilustre Dr. Ernesto do Canto), os filhos ... Mas um deles, o José — que fora brilhante estu-

dante em Paris e se licenciara na Sorbonne — estava inutilizado, atingido então de graves perturbações mentais.

Com que é que um homem fica no fim de tudo? No limite das sombras, às vezes brilha uma claridade em que se é quase feliz. Vivendo como vivem os velhos — das recordações do passado — essa existência recolhida não foi de modo nenhum inactiva. Longe disso. Numa derradeira concentração de energia ainda vai encontrar forças para preencher os ócios com uma ocupação digna das suas exigências intelectuais, quer dizer, relendo Camões, mas agora com o fito de concretizar um projecto — talvez um velho projecto — a saber: a organização de um monumental índice de toda a sua preciosa colecção de Camões, trabalho que não se fica pela simples catalogação, como à primeira vista poderá parecer pelo título.

Assim nasceu a sua obra escrita mais importante — *A Colecção Camoneana* — formosa edição em papel cartonado, com mais de 360 páginas e exactamente 4.206 comentários de notável erudição.

No Preâmbulo desta obra, o autor, referindo-se à génese do seu trabalho, conta:

«Nascido em 1820, atravesso a decadente quadra da vida em que todas as faculdades tendem à inacção, não sendo tal momento o próprio para árduas emprezas.

Carecendo, porém, de momentânea folga a pungentes e saudosas recordações, intentei, nos longos serões do penúltimo inverno, o absorvente trabalho de coordenar os meus haveres camoneanos. Antes que chegue o próximo dia do repouso, e que o meu pequeno thesouro se disperse, quiz enfeixar os nomes de quantos em minhas estantes encontrei, alcando a voz débil ou vigorosa, em glorificação do poeta justamente admirado (...)».

E depois de exprimir a exaltada admiração que o liga a Camões, remata deste modo:

«Que a singela offerenda seja grata à memória do Poeta, e prove que o venerei».

Assinado em Ponta Delgada, no dia 1 de Maio de 1894.

Quatro anos depois, no dia 10 de Julho de 1898, falecia em Ponta Delgada este esforçado micaelense, aos 78 anos de idade, uma vida longa de apego à família e à terra do seu berço que deixou mais próspera e mais bela. Talvez neste itinerário íntimo que acabámos de esboçar, não tivesse ficado suficientemente destacada uma das facetas do seu perfil de homem civilizado: o seu culto apaixonado pela beleza, manifestado em tantas das suas iniciativas e dos seus gestos criadores. Foi assim que o rei D. Fernando se lhe referiu, ao receber uma comissão de micaelenses ²⁴:

«Conheço José do Canto — disse o rei. Sou-lhe muito grato. Mandou-me um presente de príncipe: uma grande variedade de plantas raras, avultando as de chá».

Não era o ouro o que considerava digno dos príncipes, mas os tesouros do seu jardim — e isto, esta legenda, poderia figurar como um epitáfio eloquente no mármore do seu túmulo.

Este o José do Canto íntimo.

²⁴ Comissão que em 1881 se deslocou à capital a angariar fundos para acudir às vítimas do terramoto da Povoação.

A P Ê N D I C E

NOTA 1 — O testamento de José do Canto, feito a 27 de Junho de 1862, nas vésperas de uma viagem a Lisboa, foi encontrado por D. Beatriz Canto e seu irmão, o escultor Canto da Maia, entre os papéis da Família.

Eis a passagem a que nos referimos:

«Rogo enfim que sejam tão bem lançados à minha terça todos os meus livros impressos ou manuscritos, e quaisquer papéis particulares que se encontrem. A conservação e accomodação d'estes livros será feita à custa do rendimento da terça, se necessário for; e não poderão ser dados, vendidos, nem distrahidos, em quanto viver um só de meos filhos. A todos incumbo de combinarem entre si, por maioria de votos, o destino que depois da morte do último, se deve dar aos Livros de modo que não se dispersem e inutilisem havendo sido coligidos com muito dispêndio e trabalho meo».

NOTA 2 — Há uma outra carta anterior, do ano de 1861, também de Paris, onde exprime os mesmos sentimentos e ideal de vida. Dela, esta passagem:

«O que eu peço a Deus é que me deixe cumprir a educação dos meus filhos, e arranjar-lhes alguma coisa que comão independentes e depois que me deixe estar num cantinho da minha terra, cultivando a amizade da minha cara família, com algumas horas vagas para ler um bom livro, e podar uma árvore, ou semear uma couve. É a minha ambição, e com ser modesta, não é das mais fáceis de realizar, por em quanto».

NOTA 3 — Numa carta para seu filho António do Canto, dá notícias do doente que dava mostras de melhoras, «embora a sua inteligência, em certos intervalos deixasse a desejar ...».

Depois junta: «Nada de noticias políticas. Das outras, sê juiz, mas nada que o possa abalar (...). Nós vamos andando — uns dias animados, outros afflictos, e quase sempre a vencer embaraços sérios n'uma moléstia d'aquella ordem».

(V. espólio do Dr. E. Rego)



ANOS 50. EM COIMBRA.



Anos 50. No seu quarto de estudante em Coimbra, na Rua Borges Carneiro (antiga Rua das Covas).



1955 (26 de abril). Fernando Aires (à esquerda), com a futura esposa (Idalinda Ruivo) e outros colegas, numa viagem à Holanda, do Grupo Coral da Faculdade de Letras de Coimbra



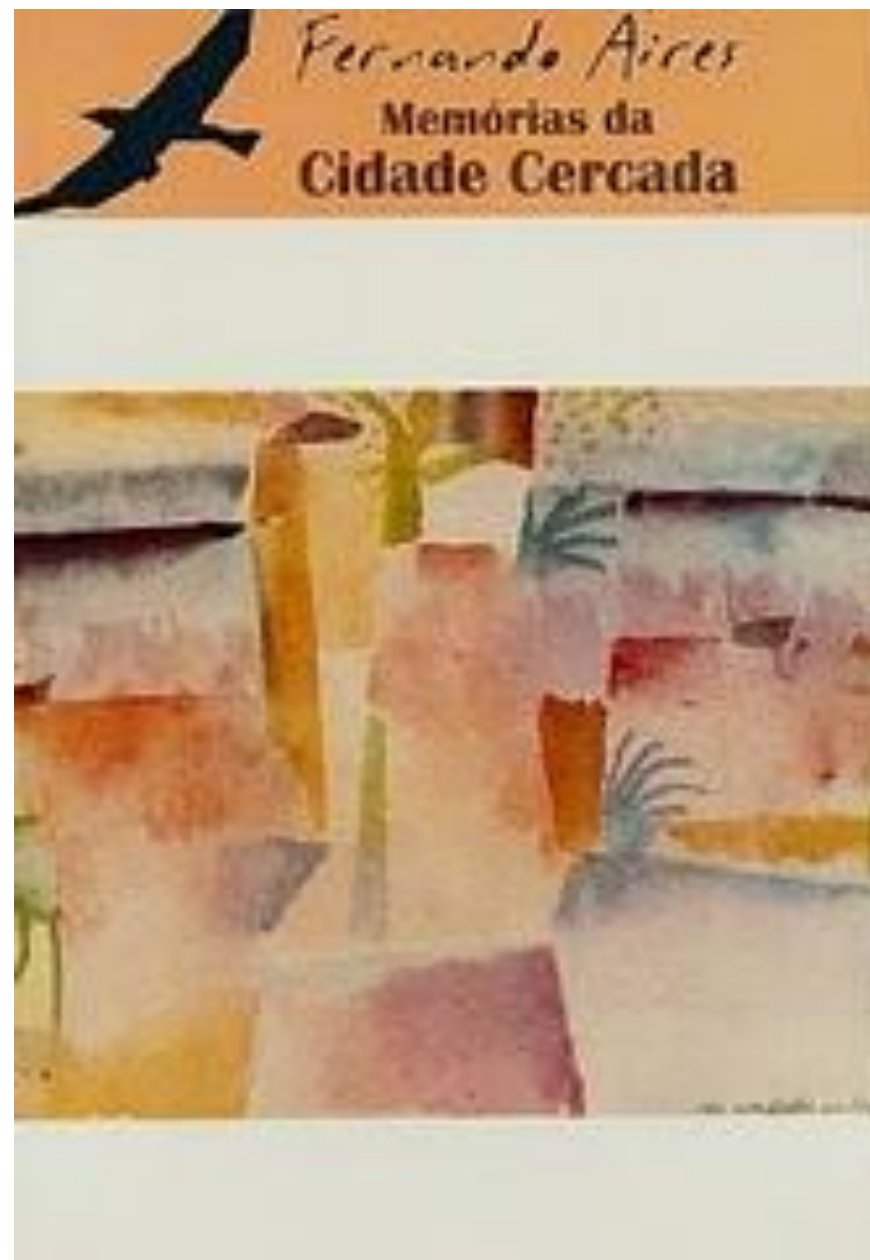
1959 (abril). Fernando Aires (1º Plano) numa receção do Grupo Coral da Faculdade de Letras de Coimbra, no Teatro Micaelense.



FERNANDO AIRES NOS ANOS 70



1972-73. NA SESSÃO SOLENE QUE TEVE LUGAR NO DIA EM QUE RUI GALVÃO DE CARVALHO DEU A SUA ÚLTIMA AULA, NO ENTÃO LICEU ANTERO DE QUENTAL.
DA ESQUERDA PARA A DIREITA: FERNANDO AIRES, RUI GALVÃO, EDUARDO PACHECO (O ENTÃO REITOR), DR. SILVEIRA E LOPES DE ARAÚJO (EM REPRESENTAÇÃO DOS ALUNOS).



• MEMÓRIAS DA CIDADE CERCADA O TERRAMOTO

Quem ia por ali acima, a caminho dos matos, a buscar queiroga para o lume e zimbro para o chão dos casebres, tinha o costume de parar um momento naquele lugar, a escutar, em silêncio, o resfolegar da ribeira, e a encomendar-se à santa que a lenda perfumara de ingenuidades e certezas, estabelecendo, de há muito, ter sido ali o lugar de seu nascimento e morte.

Antigas tradições faziam o relato daquele caso, sempre contado não exatamente como da última vez, mas sempre inspirado de compaixão e respeito.

A última versão dizia que em tempos do grande capitão, morava na Vila uma mulher muito velha, tão velha, que nas seroadas de inverno, vinha gente de muito longe juntar-se aos vizinhos, para ouvir contar coisas do tempo em que, por aquelas partes, a missa era ainda rezada sobre um tosco altar de pedra, abrigado das chuvas apenas por um telheiro de juncos.

A velha habitava, sozinha, a casa mais remota do lugar, baixinha, de porta e janela. Casa de pobre, já se vê. Os montes por ali acima na frescura da hortelã e do trevo. O arvoredado das encostas a mudar de cor aos primeiros frios de novembro.

Por essa data, alpartido, já a velha mulher tinha a levedar, ao calor do borralho, o pão benzido: "São Mamede te levede e São Vicente te acrescente". Prevenia-se, também, de óleo de peixe para a candeia, de lenha para o lume, e de mel silvestre que guardava em covilhetes de madeira e escondia dos ratos.

À medida que o inverno avançava, as aves do mar voavam juntas para o sul, procurando guarida – os seus grasnidos alarmando de ecos os precipícios da costa. Então a casa, no chão crestado do vento, com as árvores assim nuas, mais alvejava na raiz dos montes, enquanto a velha mulher ia cumprindo a oração da noite, para que o coração se mantivesse límpido durante o sono.

Já ia a lua na sétima volta, "não havendo sinais do céu nem da terra, sem fazer bafo de vento que então era levante", como diz o cronista, veio aquele estremeção tamanho, como um soluço de gigante – a casa num tremor, a estalar nas juntas, abalada até aos alicerces. O chão a abrir-se, os montes como cavalos à desfilada, por ali abaixo, semeando de pedras e lodo muitos lugares, deixando tudo raso e deserto,

sem mostra de Vila com seus templos, seus solares, suas casas de comércio e casebres de pobre.

Toda esta desgraça, acontecida em tão breve espaço, serviu, dali por diante, a clérigos e a moralistas, para demonstrar aos povos a justiça e o poder infinito de Deus.

Daquela vez, o contador era homem de respeito, considerado digno de crédito, famoso de uma ponta à outra da Ilha por saber tanger os sentimentos no íntimo das pessoas, com sua eloquência e força de olhar e de gestos. De sorte que os ranchos que se punham a escutar, ouviam perfeitamente estarrecidos, os gritos das gentes em fuga, os gemidos dos moribundos cada vez mais desesperados e o uivo dos cães na partilha dos mortos. Assim se avaliava melhor como o rolar dos montes e o lume no mar tinham enchido de terror e espanto a velha mulher, ali sozinha, perdida: Senhor, misericórdia! Senhor, misericórdia! Minha Nossa Senhora! – a mulher tolhida no meio da casa, as mãos no peito. Tolhida.

Mas a casa não caiu. Nem o teto, nem as paredes caíram. Nem o lume brotado do mar chegou até ali. Ao lado do mundo maior, convulsionado até à orla do horizonte, aquela casa menor, situada na raiz do monte, sobrevivera como a luz que toma conta da madrugada.

Foi milagre, assegurava o narrador, por a velha mulher ser piedosa e boa e ter dito o nome da Senhora – e o povo comovido, dando graças, sentindo a espessura do mistério e o bater, compassado, das asas dos anjos, na palidez do crepúsculo.

E o narrador continuava: Tudo isto durou o espaço de um credo, se tanto. De novo, tudo ficou quieto – embora, para quem estivesse atento, não passasse despercebido o estertor profundo e a respiração cansada da terra revolvida.

Então a velha deitou-se. E depois de muito rezar, de muito se persignar, adormeceu – o rosário entalado na mão. O nome da Senhora na boca.

Quando acordou, fez o costume: dirigiu-se à porta da cozinha, abriu o postigo e espreitou para fora. Mas estranhou: não havia dia. Nem galo que cantasse. Só silêncio. Escuridão. Foi pela candeia, às apalpadelas. Trouxe-a acesa. Pousou-a. Aconchegou mais o xaile e abriu a janela. Debruçou-se: a mesma escuridão. Não se via nada, coisa nenhuma. A noite lá fora – de breu.

Voltou à enxerga. Deitou-se calada, sozinha, a ver quando bulia a manhã. Mas nada bulia. Nem os cães que costumam ladrar às estrelas. Nem os galos. Nada que anunciasse a madrugada. Era cedo, decerto. O sol não nascera ainda. Sabia, de resto, que na Ilha de nevoeiros e prolongadas sombras, às vezes custa a ser dia. Esperou.

Houve ocasiões em que o telhado estalou, como que constringido pelo peso do céu – e a mulher ali calada e sozinha. Tolhida. A fazer por se lembrar de suas culpas mortais. A encomendar-se a Deus. Nisto a candeia estrebuchou, fez um estalido, assim como de folhas secas pisadas. Ainda alteou a chama duas vezes. Por fim, apagou-se, deixando um cheiro forte e acre. O esperar inútil de que se acendesse de novo.

Um silêncio enorme (imagine quem puder) pesou ainda mais nas traves da casa que rangeram com um silvo de serpente. Sobre o peito da mulher, foi como se o coveiro assentasse, de vez, a laje da sepultura.

Muitos anos passaram sobre a noite em que os montes rolaram, e a terra entrou pelo mar adentro. Um dia vieram os homens àquele lugar. Traziam pás e picaretas. Os matos subiam por ali acima cobertos, de novo, de queiroga e de zimbro. E onde dantes emergia da terra um amontoado pedregoso e monótono, ouvia-se, agora, o arfar de uma ribeira. Os homens, hesitaram um momento, entreolharam-se, perguntaram: Será aqui?

O capataz observou atentamente à volta, confirmou a altura do sol e a direção das nuvens e respondeu: É aqui.

Então todos se puseram a arrancar os tamujos e os fetos do chão endurecido. Roçaram as silvas. Cortaram as árvores da grossura de baleias. Depois começaram a abrir a terra. Alargaram, aprofundaram o buraco. Afastaram as pedras e os troncos esburgados como ossadas acumuladas num túmulo. Cavaram mais. E ainda mais. Mais ainda. Veio a tarde. Veio a noite e não paravam de cavar.

Noite alta, os alviões deram com uma coisa alvacentas, como um lótus a emergir por entre despojos. Os homens redobram de esforços, os alviões a encherem a madrugada do ruído dos ferros.

Sem uma palavra, o capataz desceu ao fundo do poço e ficou a olhar. Então começou a aparecer uma coisa, inexplicável, vagarosa, por entre o lodo e as rochas, quase irreal, quase assustadora no seu mutismo, parecendo um coral arremessado pelas ondas ao

fundo daquele poço. E, sendo já dia claro, romperam a tirar os últimos entulhos. Mas, de súbito, suspenderam o trabalho – os braços caídos, os olhos imóveis.

O capataz perguntou: O que é?

Os homens não responderam. Começaram a mover-se devagar. Curvaram-se a limpar do bolor o que quer que segregava o hálito das coisas intangíveis. Afirmaram-se melhor, e um vento veio das alturas afastar as névoas à flor da terra: inteiro e sozinho, o corpo da velha mulher jazia no desamor de tantos anos passados. Inteiro. Nas mãos, o rosário de repente tão nítido à luz que vinha de cima. A boca ainda no jeito de dizer o nome da Senhora.

A notícia correu.

Veio o povo com muitos gestos e o seu burburinho cheio de imaginações exaltadas. Veio o padre com seu aparato de opas e turíbulos, a impor as mãos e a fazer funcionar o moinho das orações já gastas que chegam a comprometer a reputação de Deus. Veio o juiz da terra, circunspeto e rigoroso, trazendo consigo os seus subalternos e os pergaminhos do seu ofício – o que levou o povo a afastar-se com respeito.

Houve um espaço em que se ouviu o vento nas urzes e o marulhar da ribeira. Depois, estalaram foguetes e soaram instrumentos de música. A multidão agitava-se, empurrava-se como um rebanho impaciente, para ir ver de perto o achado milagroso, de onde se desprendia um intenso perfume a maçãs acabadas de colher.

Completamente alheio a tão grande arruído, o corpo da mulher jazia ali – incorrupto. Um brilho persistente no rosário, a boca no jeito de quem quer dizer o nome da Senhora.

Memórias da Cidade Cercada, Lisboa, Edições Salamandra, 1995, pp. 37-44.

Diário I (6 de fevereiro de 1985)

"Esta terra açoriana, fragmentada e atirada a distância, pedaços de lavas dispersos pelas crateras da desaparecida Atlântida, agiu sobre a alma insular sempre em dois sentidos de fugas opostos: - um, na horizontal, de migração para longes terras: outro, na vertical, na direção da divindade. Expansão e recolhimento interior - dois movimentos antagónicos com a mesma raiz de ínsula. Dualidade conflituosa que oscila

entre o intimismo e a abertura ao mundo, entre a tensão e a distensão, entre o silêncio e a fala com os estranhos. Algo de cambiante e instável, como o solo sísmico, como a paisagem e o clima, onde as fronteiras entre a imobilidade e movimento, entre luz e sombra, entre terra e água não são bem nítidas.

Por pouco não somos místicos. Por pouco também não somos "conquistadores" de continentes. Ficámos sempre a meio caminho entre o ter e o ser, entre a realidade e o sonho, entre a realização e a frustração - simbolicamente marcados no mapa a meio do Atlântico, entre dois mundos, sem pertencermos decididamente a nenhum..."

Prefácio, in: O Rosto da Festa.

Diário V (25 de janeiro de 1997) p. 66

" Deve-se viver a vida como se monta a cavalo - agarrá-la bem pelas crinas, esporeá-la. Fazê-la galopar em frente no relinchar de sua natureza a imaginar que não tem fim. Não ligando muito quando o chão é de pedregulho e a água escasseia à nossa sede."

Diário III (28 de dezembro de 1991), p. 86

"Ao amor e à amizade é preciso reinventá-los, limpá-los do pó das palavras mal soantes e das que não foram ditas. Criá-los junto ao peito, na abundância dos sentimentos. Fazer deles um banquete festivo e inexplicável, todo feito de harpejos de prazer e das formas belas do imaginar. Assoprar neles o fogo oculto do que foi dito e sentido na hora máxima do contentamento."



ANOS 80. COM RUI GALVÃO DE CARVALHO (SEU MESTRE E AMIGO).



1993 (19 DE NOVEMBRO). DA ESQUERDA PARA A DIREITA: BRUNO DA PONTE, FERNANDO AIRES, RENATO BORGES DE SOUSA E EDUÍNO DE JESUS, NA CERIMÓNIA DE APRESENTAÇÃO DO 3º VOLUME DO DIÁRIO ERA UMA VEZ O TEMPO (LISBOA, CASA DOS AÇORES).

"Se este tempo de adiamentos continua, creio que vou construir um barco e nele abrir uma vela do tamanho de meu desejo. Só espero que depois um vento propício me leve veloz e sem pesos de alma até à vista dos céus que procuro - um lugar onde não haja mais dias cinzentos e molhados, baços do apodrecimento da esperança e da vontade."

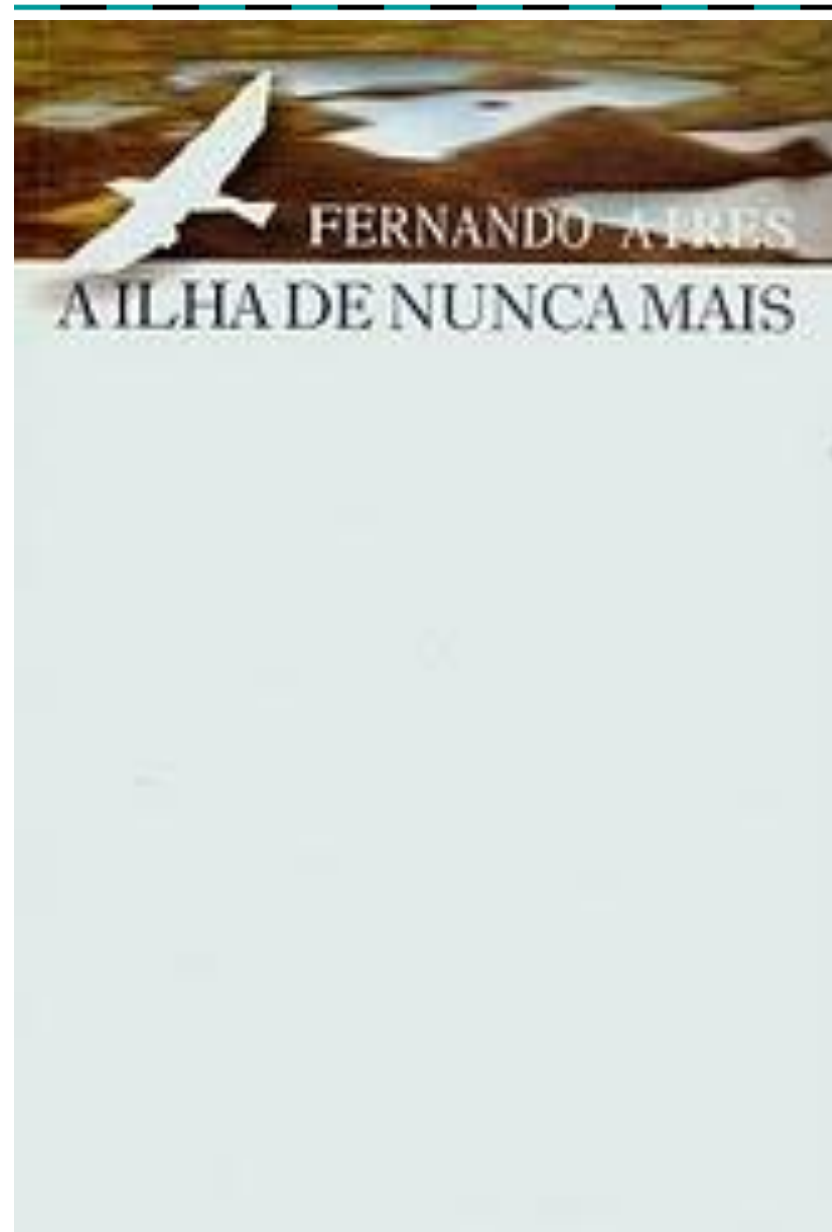
O MEU VELHO PROFESSOR

"[...] Foi uma espécie de Avô que tive: meu professor de Filosofia no Liceu Antero de Quental de Ponta Delgada e, mais tarde, meu amigo e colega no mesmo Liceu, a continuar uma longa camaradagem que já vinha desde o tempo de estudante liceal e se prolongou até ao fim da sua existência. Posso, assim, dizer que convivi com ele toda a minha vida.

Tornou-se-me um hábito ser visita frequente de sua casa onde entrava como se fosse minha. Procurava-o no seu gabinete do andar de cima – o que abre para o terraço onde á uma glicínia e se avista a intimidade de quintais vizinhos. Ali, costumava ler e ouvir a música junto à janela, o cabelo todo branco e solto, a manta enxadrezada pelos joelhos. À volta, o silêncio e a cumplicidade monástica que ele tanto apreciava. Depois, apesar dos anos, sempre manteve bem viva a independência de juízo, a frescura da fantasia, um não sei quê de adolescência que não se acabava. Nos momentos de rebeldia, desafiador dos deuses, mas sem nunca perder de vista que o destino dos homens é feito de gestos transitórios e dos ecos mal conhecidos dos dias indefinidos. Por isso, sempre tomou o partido da tolerância.

Personalidade complexa como a de Ruy Galvão, dualidade, por vezes, conflituosa entre intimismo e abertura aos outros, entre o silêncio e a fala. Alma insular, cambiante e instável – como o solo sísmico, como a paisagem e o clima da sua Ilha onde as fronteiras entre imobilidade e movimento, entre luz e sombra, entre terra e água não são bem nítidas. Tudo isso, mas que exemplar raro de caráter e de fidelidade de amigo este meu velho Professor a quem tanto fiquei a dever. Agora que já partiu, nunca mais voltei a sua casa. Porém, como já disse, somos feitos também das coisas e das pessoas no nosso convívio. Assim, nos interstícios desta teia complicada que me tece, lembrarei sempre Ruy Galvão, não só como um grande Amigo, mas, sobretudo, como vento que semeou. Fermento que ajudou a seara a tornar-se pão."

RUY GALVÃO DE CARVALHO. PONTA DELGADA, REVISTA INSULANA, VOL. LIX, 2003



HELENA

“Pela segunda vez, Helena entra em casa para tornar a sair. E a mãe: Credo rapariga! Não aqueces lugar! Com efeito, as muralhas de Vila Real sufocavam-na. Pensa em Álvaro, na Ilha que não conhece. Relê, novamente, a carta que recebeu na véspera. Já sabe de cor a viagem, a chegada, os pais. Cheira o envelope, examina de perto o carimbo, em círculo, por cima do selo. Procura sinais dos dedos dele, das mãos dele. Tenta fazer ideia de Ponta Delgada – o aglomerado de casas imóveis olhando o mar. Um lugar estático como uma igreja, pescadores e barcos varados. Montes ao longe, nem sempre visíveis. Álvaro falara-lhe de tudo isso, por mais de uma vez, mas uma coisa é ouvir dizer, outra é estar lá a ver, a sentir. A sentir o cais onde a vida fica em soluços e abraços, e onde o imagina a olhar o longe, a gola levantada, os cabelos no remoinho do vento. Sabe que não pode fazer nada senão esperar. Espera. O arrepio das mãos dele no seu corpo. A sua voz com sotaque ilhéu – a pronúncia fechada, soturna, como a Ilha desolada do grasnido dos garajaus. Encharcada da chuva a pingar dos beirais. E a mãe: que é que tens rapariga?

- Nada! não tenho nada.

- Nada não! Andas com cara de desenterrada, uma alma penada a cirandar pela casa...

- Já lhe disse, não tenho nada.

- Bem te percebo, Helena! Olha Cassilda com um filho na barriga. Esse rapaz, esquece-o! Por amor de Deus, esquece-o!

Helena calada. Um tumulto dentro dela. Depois, num repente: deixe-me, minha mãe! Ah, deixe-me!

- Muita falta faz teu pai! Se ele fosse vivo, outro galo cantaria. Capaz de te cortar a mesada. Ficavas em casa que era onde sempre devias ter ficado, casada com rapaz da terá.

Helena levanta-se e sai. Fecha-se no quarto. A mãe fica a falar sozinha, o pensamento no marido defunto. Veste-se de escuro, mesmo por casa. É seca de corpo, o cabelo a puxar para o grisalho. Os olhos ainda bonitos, pestanudos, de uma aguada entre o esverdeado e o cinza claro. Alguma coisa na boca, nos cantos da boca, a dizer de uma vida de decisões difíceis, de preocupações e rotinas. De dias silenciosos entregues aos deveres. Noites mal dormidas de rosários desfiados à Virgem Nossa Senhora por causa daquela única filha em Coimbra mais aquele sujeito das Ilhas, um lugar inlocalizável, talvez do outro lado do mundo. Uma coisa (de que tamanho?) como um penedo no meio do mar, espaço de sombras e febres, com gente talvez de pele escura. Helena levada pela cegueira, a partilhar a vida com gente de outro viver, e ela, sua mãe, viúva e só, em Vila Real. O resto dos seus dias rezando em sobressalto.

Chorando pelos cantos. Esperando carta. Que lhe restava senão rezar? Rezar muito a Nossa Senhora. Rezar sozinha, o defunto na sepultura, a filha naquele lugar desconhecido do mundo.”

A ILHA DE NUNCA MAIS. LISBOA. EDIÇÕES SALAMANDRA, 2000, pp. 64-65

ARMANDO, O ÚLTIMO ROMÂNTICO

“Desde a escola secundária namoriscara Inês da Silveira. Bonita. O cabelo como uma seara farta e sem limites. Com o tempo, todo se dera àquela paixão, esperando, em troca, retribuição por igual. Porém, não acontecera assim. Antes se acentuaram as flutuações do génio de Inês em afloramentos de tanta evidência que ninguém podia negar. Deste modo se fora forjando em Armando a crença de que a vida lhe reservara um quinhão injusto, todo de desilusão e crueza. E não concebia, sequer, cortar com Inês.

Mas um dia, Inês já não o quis: que não, que não se davam. Que antes agora que mais tarde – e foi o rompimento: um golpe atirado a decepar o futuro pela raiz. Os meses inomináveis no desleixo de barba e de cabelos crescendo desolados e sombrios como a sua viuvez. Ideias de acabar com a vida.

Mas não acabou, porque o tempo costuma alisar, com dedos persistentes, as rugosidades dos dias.

Voltou a fazer versos e a tocar o violão. E tinha a certeza que as mulheres, ao verem-no passar muito sério, seguiam-no um momento com o olhar, e ficavam, por muito tempo, a pensar nele e nas mensagens cifradas que lhe chegavam no vento.

Bem sabia como a memória se cansa de recordar o perto e o distante, mas enquanto isso não acontece sofre-se demais, quase sem defesa. Uma maldição. Assim, de uma forma obscura, quase aberrante, Armando sentiu necessidade de ir tentar a vida fora da Ilha, num lugar longe.

Meteu empenhos e esperou ainda muito. Arrependeu-se várias vezes e outras tantas não se arrependeu. Por fim veio o lugar, e partiu – no cais um único amigo que abraçou com o desespero de quem parte para o desterro.

E logo teve oportunidade de se pôr a curtir a nostalgia inesgotável de lonjuras e de saudades. De regressos. Em tudo encontrando matéria mais que suficiente para dar corpo a imaginações. A versos desgrehados improvisados ao violão. À recordação jamais extinta de Inês da Silveira.

E estava nisto, quando conheceu Rosário.

Era magrinha e morena, um sorriso esquecido na boca. Um jeito gaiato de olhar de lado. Dera por ela naquela tarde, à saída do emprego, retidos ambos pela chuva. Deixaram o abrigo juntos quando a estiagem veio – ela caminhando à frente, a meia

dúzia de passos dele. Seguindo na direção que ele seguia. Dobrando as esquinas que ele tinha de dobrar para chegar a casa. E isto, esta coincidência, deu-lhe logo a certeza de um destino comum. No começo da rua ela deteve-se no número 13, meteu a chave à porta. Entrou. Poucos prédios andados era a pensão de Armando.

Passou a encontrá-la todos os dias, muitas vezes quando ia para o trabalho, outras quando voltava. Deixaram de ser desconhecidos. De uma vez, sorriram e meteram conversa. No outro dia, ele deixou-a à porta da repartição. Pelo caminho falou da Ilha. Da espécie de luz que costuma cair no mar pelo outono. Com o tempo, falou também de si. Do seu feitio. Da mãe que lhe morrera. Mais tarde, confessou a predileção por Camilo e, timidamente, o gosto por versos e pelo violão.

E Maria do Rosário a ouvi-lo. A olhá-lo pela primeira vez com interesse. A reparar que era magro e que a fitava, a espaços, com um arfar de respiração.

Antes de se separar disse: Mas agora já não tem motivo para tristezas, pois não? Agora que somos amigos.

E entrou em casa.

Ele ficou a pensar na sua saia clara balouçada ao quebrar da ancas. Nos cabelos desmanchados. No sorriso. Uma espécie de alívio num lugar incerto. Vontade de convidar gente para a sua festa.

E alguma coisa trazia consigo que as pessoas lhe sorriam.

A vida tornou-se-lhe então mais suportável. Por vezes um tumulto luminoso no peito quando estava com Rosário – com o seu riso espelhado, o seu instinto muito fino de ser meiga. Só sentia o velho aperto quando voltava ao quarto: o antigo alarme como uma nódoa, boiando por sobre uma espuma de fragilidades. O vício de preferir estar onde não estava, de apetecer o que não tinha. Prisioneiro de si. Prisioneiro da Ilha. Saudades de Inês.

Inês. Há quanto tempo? – e a vida sacudida por sentimentos inconciliáveis, partilhados entre os espaços ociosos do seu quarto e os apelos da terra tão longe. Mas bastava, no outro dia, estar com Rosário para se sentir leve e redondo, de diáfana redondeza de balão irisado, dilatado até onde morava a alegria. Fitava-a para dizer tudo, porém havia a timidez, a recordação da outra. O feitio herdado de sua mãe.”

MEMÓRIAS DA CIDADE CERCADA. LISBOA, EDIÇÕES SALAMANDRA, 1995, PP. 81-82-83 E 84.



ANOS 90. COM JOÃO DE MELO, NA SUA CASA, EM LISBOA.



ANOS 90. FERNANDO AIRES (AO CENTRO), NA SUA CASA DA GALERA, COM ONÉSIMO ALMEIDA (À ESQUERDA) E VAMBERTO FREITAS (À DIREITA).

— Sim, monumental. O Manuel Roque mais inspirado do que nunca na guitarra.

Álvaro encaminha-se para a porta, olha ainda à volta: havia livros, uma guitarra sobre o cadeirão, fotografias em molduras. Junto à janela, um vaso de loiça azul que tinha uma planta com flores vermelhas. Ah, viver juntamente com Helena numa casinha assim quieta e limpa como a de Ricardo, o rio lá em baixo, aos pés de Santa Clara. A roupa interior de Helena a secar no estendal do terraço, a tornar tão íntima aquela parte da cidade. Pensa que sonhos destes podem acontecer a qualquer um, mesmo àqueles cheios de suspeitas a respeito de certas instituições consagradas. Um homem é como as aves do céu, vogando ao sabor do vento, mas isso não impede a estação dos ninhos. Álvaro perde-se em divagações. Relembra Maria Clara e, mais longe, a pequena Lídia que já deve ter agora perto de vinte anos!... O tempo voa, navega sem mapa nem bússola, e sem dar tempo a despedidas. Lídia! É possível o eterno presente sem idade, pois que te vejo na tua carinha morena. A trança, a perna roliça. A fruta atirada derramando-se pelas pedras como uma néstia de sol. Depois, era Bruno. Álvaro invejava-lhe a prateleira cheia de livros. Lia muito. Sabia de terras, de viagens, de nomes arrevesados. Por causa disto tinha-lhe um certo respeito, mesmo admiração. A mãe dizia, o Bruno é um rapaz sério, deves ser sempre seu amigo. E Álvaro era amigo dele, o irmão que não tinha. Sentia-se seguro na sua companhia, vaidade naquela amizade, pois o acolhia a conversas, a uma intimidade que o honrava aos olhos dos mais velhos. Via-o diferente, mais inteligente. Mais homem. Era rijo de corpo, crescido para a idade. Sério quando se falava de coisas sérias, embora amigo de

brincar, de acamaradar. Folgazão nos lugares de folgar. Foi-lhe quase tão útil ou mesmo mais útil do que os seus professores oficiais — as estórias que lhe contava, o ardor que punha no narrar e, mais tarde, quando aprendeu a ler, as leituras que lhe aconselhava e o moldaram por dentro do seu rosto.

De uma vez, apareceste-me em casa mais cedo, com um livro na mão, recordas-te, Bruno? Disseste lê isto. Vais gostar. É de aventuras no mar. E eu limpei, com reverência, as mãos aos fundilhos antes de pegar nele, e já na tarde daquele dia me fechei no quarto — um quarto soalheiro que dava para a serra e tinha o dom de reter sedimentos de conversas, o catarro dos livros, o rumor subtil do virar das páginas e dos sentimentos que delas brotavam. Lembra-se. Por um momento breve ficou ali, de livro na mão, um tremor nos dedos, no peito. Fixou a capa como se tivesse nas mãos um objecto de culto, benzido e consagrado. Na primeira linha, em cima, um nome difícil que soletrou estropiado: Robert Louis Stevenson. Abaixo, em letras maiores, estava escrito *A Ilha do Tesouro*. Depois, desenhado a preceito, um sujeito de chapéu desabado, o olhar feroz, grandes botões no casaco e um papagaio ao ombro no jeito de ir alçar voo. Abriu muito devagarinho o livro, não fosse perturbar a gente desconhecida de lá de dentro. Medo de piratas e de ventos desabridos que fazem afundar os navios. Receio de uma agitação, de um gesto mais desastrado de resultados imprevisíveis. Espreitou. Começava assim:

Capítulo Um
O Velho Lobo-do-Mar na Estalagem do
Almirante Benbow

Pela segunda vez, Helena entra em casa para tornar a sair. E a mãe: Credo, rapariga! Não aqueces lugar! Com efeito, as muralhas de Vila Real sufocam-na. Pensa em Álvaro, na Ilha que não conhece. Relê, novamente, a carta que recebeu na véspera. Já sabe de cor a viagem, a chegada, os pais. Cheira o envelope, examina de perto o carimbo, em círculo, por cima do selo. Procura sinais dos dedos dele, das mãos dele. Tenta fazer ideia de Ponta Delgada – o aglomerado de casas imóveis olhando o mar. Um lugar estéril com uma igreja, pescadores e barcos varados. Montes ao longe, nem sempre visíveis. Álvaro fala-lhe de tudo isso, por mais de uma vez, mas uma coisa é ouvir dizer, outra é estar lá a ver, a sentir. A sentir o caos onde a vida fica em soluços e abraços, e onde o imagina a olhar o longe, a gola levantada, os cabelos no remoinho do vento. Sabe que não pode fazer nada senão esperar. Espera. O arrepio das mãos dele no seu corpo. A sua voz com sotaque ilhéu – a pronúncia fechada, soturna, como a Ilha desolada do grunido dos garajaus. Encharcada da chuva a pingar dos beirais. E a mãe: Que é que tens, rapariga?

– Nada!, não tenho nada.

– Nada não! Andas com cara de desenterrada, uma alma penada a cirandar pela casa...

– Já lhe disse, não tenho nada.

– Bem te percebo, Helena! Olha Cacilda com um filho na barriga. Esse rapaz, esquece-o! Por amor de Deus, esquece-o!

Helena calada. Um tumulto dentro dela. Depois, num repente: Deixe-me, minha mãe! Ah, deixe-me!

– Muita falta faz teu pai! Se ele fosse vivo, outro

galo cantaria. Capaz era de te cortar a metade. Ficavas em casa que era onde sempre devias ter ficado, casada com rapaz da terra.

Helena levanta-se e sai. Fecha-se no quarto. A mãe fica a falar sozinha, o pensamento no marido defunto. Veste-se de escuro, mesmo por casa. É seca de corpo, o cabelo a puxar para o grisalho. Os olhos ainda bonitos, pestanudos; de uma aguada entre o esverdeado e o cinza claro. Alguma coisa na boca, nos cantos da boca, a dizer de uma vida de decisões difíceis, de preocupações e rotinas. De dias silenciosos entregues aos deveres. Noites mal dormidas de rosários desfiados à Virgem Nossa Senhora por causa daquela única filha em Coimbra mais aquele sujeito das Ilhas, um lugar inlocalizável, talvez do outro lado do mundo. Uma coisa (de que tamanho?) como um penedo no meio do mar, espaço de sombras e febres, com gente talvez de pele escura. Helena levada pela cegueira, a partilhar a vida com gente de outro viver, e ela, sua mãe, vivia e só, em Vila Real. O resto dos seus dias rezando em sobressalto. Chorando pelos cantos. Esperando carta. Que lhe restava senão rezar? Rezar muito a Nossa Senhora. Rezar sozinha, o defunto na sepultura, a filha naquele lugar desconhecido do mundo.

Nessa segunda-feira, Álvaro chegou tarde a casa depois do deambular nocturno e sem destino – a Alta com gente cada vez mais rara pelas calçadas, até não se encontrar mais ninguém. Necessidade de fugir à multidão, de se libertar de si mesmo. O tédio! Morda, como me aborrece! – diz por entre dentes. Pelas calçadas escorregadias e íngremes, os seus passos martelando as sombras, martelando o silêncio daqueles lugares. Por detrás de um muro cresce um grande castanheiro. Afirmou-se: era um castanheiro. Que idade terá? Decerto é do tempo de Antero e de Eça de Queiroz quando estudavam em Coimbra. Talvez ainda mais antigo. Álvaro pára e fica a olhar a árvore venerável com respeito. No escuro da noite, não se lhe vê bem as rugas do tronco, a cor das folhas. Muito dela se esvai na sombra, por isso promete a si mesmo vir visitá-la no outro dia, à luz do sol. Retoma o caminho por entre as fachadas imóveis e com a aparência de desabitadas – como depois das catástrofes. Considera a velhice da cidade, as casas, as torres ainda de pé depois dos séculos – e pensa: Meu Deus, como esta cidade é velha! É aquela hora da noite, é de tal modo velha e esquelética que lembra um fantasma saído das profundidades da cova. Então, fica estarecido, lá dentro, na cabeça, o caldeamento desconstruído das muitas coisas que traz consigo: Helena, a mãe na Ilha, e outra vez Helena. O pai prostrado no jardim. A tortuosidade dos dias. O inexprimível. Sim, o inexprimível no quotidiano do viver. As pessoas a pensarem que é aquilo o que têm. E não é. Não é isto o que vêm! “Nem o sonho de Babel/ Nem o bombo que fez da minha pele/ Nem o Credo num Deus que me perdeu...” – recita Álvaro, do Torga, baísi-

nho. Ideias fixas que o perseguem. Ideias confusas, ambíguas, confessadas ao Bruno em momentos de encontro e desabafo. Desejos irrealizados: um livro em suspense que foi fazendo nos intervalos, e o mais certo é nunca vir a ser concretizado. O amor buscado como utopia. E, entretanto, as horas a correrem como as águas do rio, o ar da madrugada, o pensamento, e foi quando Álvaro se encaminhou para casa, subitamente precisado de agasalho e de descanso – em breve, os passos no sobrado, a subirem as escadas às escuras, a tropeçarem nos degraus da casa de dona Serafina. Ele, furtivo como um ladrão, a chegar ao patamar onde ficava o seu quarto, a entender o braço, a tactear com a mão a porta do seu quarto, a abrir a porta do seu quarto... e, meu Deus! *O Pai como que à espera dele, sentado na borda da cama!* Com os seus olhos *O viu ali, sentado na borda da cama, sozinho e calado como sempre – e imediatamente tudo a desvanecer-se como um fogo levado pelo irreversível. Difícil de contar, de dizer aquele momento breve-e-longo-e-branco-e-incerto, de-incerto-assombro-sombra-e-luz – e – vertigem-e-vontade-sem-vontade. O pai, tal e qual como em vida, calado e triste. Como uma visão súbita. Um grito mudo. Como ninguém. A pedir justiça? Ninguém. O quarto vazio sem ninguém – e Álvaro sem já saber distinguir entre estar acordado e estar a sonhar. Podia lá ver o pai em Coimbra, na rua das Covas, em casa de dona Serafina? Aquela distância toda desde a Ilha até ali. Desde a Morte até ali. O mistério de tudo isso dentro da sua cabeça-sem-resposta. Ele de pé, sem saber se havia de chamar gente, gritar aquele caso. De pé, incapaz de dar um passo. Incapaz de um som de voz – só um remorso a insinuar-se, lentamente a insinuar-se. A latejar dentro dele como o anúncio de um pranto que não foi chorado.*

Apesar dos encontros reconciliadores, Helena torna-se esquiva, talvez com medo de se deixar arrebatada. A vida reclama a vida, a entrega que a vida é de sua natureza. Porém, Helena receia o rio impetuoso do seu próprio sangue, a febre desconhecida. Assim, perante os receios de Helena, Álvaro guardou silêncio durante vários dias. Tinha-lhe prometido que não iriam mais a casa de Laura e cumpria a promessa. Se lhe arranjasse um filho, decerto findaria aquela relação, ou por outra, não imaginava o que poderia acontecer. Dificilmente aceitaria o possível rompimento depois de se ter afeiçoado à posse daquele corpo. Seria o desencanto, o envelhecimento precoce dos seus projectos e dos seus sonhos. Onde encontrar outra mulher como Helena, aqueles olhos, aqueles cabelos da cor do âmbar? Aquele jeito de se entregar como uma flor ao orvalho? Depois do desastre, decerto perderia Helena para sempre, retida que ficaria em Vila Real de Trás-os-Montes, ou lá onde seria. Ele, Álvaro, na inquietação sem limites. Sem notícias, sem acesso a uma informação, que cabeça teria para continuar a trabalhar, fazer o que faz qualquer pessoa normal?

Meteu as mãos pelos cabelos, num repelo, e ficou, de olhos parados, a fitar estupidamente o tecto do quarto, tão imóvel que parecia jamais vir a mexer-se daquele lugar. A quem recorrer então? – pensava. Não tinha ninguém mais chegado do que Bruno, seu companheiro de infância – Bruno, o do bom conselho. Levava-o a sério desde a infância, por isso se acostumou a ouvir a sua opinião de amigo. Que opinião? Aquele género de coisas não se resolviam com opiniões. Porém, que mais

podia fazer Bruno?

– Mas escuta lá, rapar das arábias, a Helena, neste momento, não espera meninos, pois não? Então, c'os diabos, porquê essa aflição?

– Essa aflição é resultado dos receios recentes de Helena: não dorme, não come, tem pesadelos, sonha com répteis peçonhentos que, de noite, se entrosam com ela na cama.

– Tornou-se histérica? Helena?! – Bruno a perguntar. Porque não procuras um médico? Vai ao médico com ela, Álvaro.

Que mais poderia fazer Bruno senão dar-lhe os conselhos possíveis? – Mais nada, claro. Só lhe restaria ficar a imaginar o ventre de Helena a crescer-lhe por entre enjoos e vômitos – lenta e visivelmente a crescer-lhe, a engendrar um monstro que a desfearia, a faria sofrer o conflagrador no seu corpo e na sua alma de rapariga – tudo isto por entre as injúrias da mãe e os insultos ao estrangeiro das Ilhas.

Rimbaud veio-lhe à memória: – *Uma noite, sentei a Beleza sobre os meus joelhos. – E achei-a amarga. E injuriei-a...*

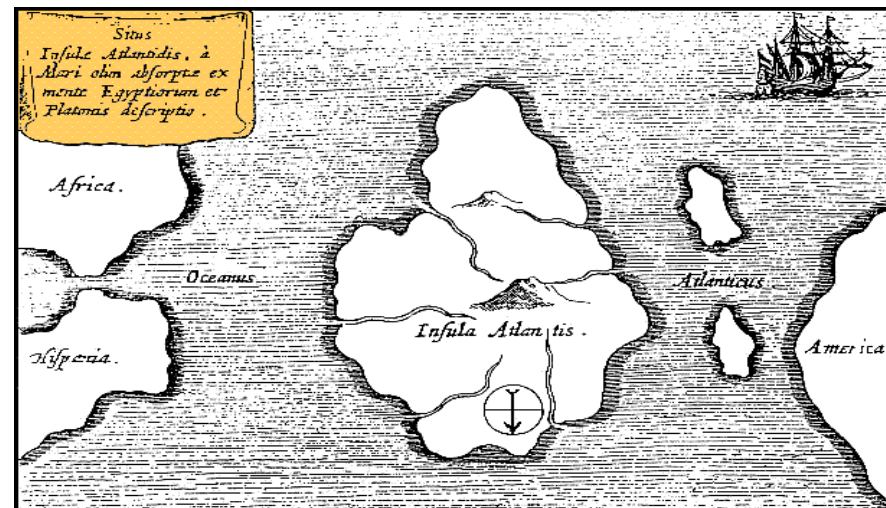
Os dias andam à roda como um boi a puxar à nora, e Helena sob a pressão da mãe em recados por carta e quando vai a casa: Esse rapaz, tira-o da tua cabeça! – implorava. Por alma de teu pai, tira-o da tua cabeça! Sofro tanto, se soubesses! Os pressentimentos matam-me... Helena desatina, tem vontade de gritar, de fugir de casa. Bate com as portas. Desatina. O ar parado, as paredes, a cal. Um grito apertado na garganta. Interroga-se: Que futuro com Álvaro? Perceberá, algum dia, de quem se trata? O seu segredo? O modo de ser ilhéu? Ela que nasceu entre-os-montes, que se criou entre-os-montes desconhecendo o mar, tenta imaginar pela centésima vez a Ilha – os ventos tuivantes a atirarem-se contra as penedias nas noites de Inverno e os homens, os braços exaustos de remar. Os navios desarvorados, a morte anónima a engoli-los por não terem sabido medir exactamente a proximidade das rochas sob as espumas. Os promontórios batidos do mar sucessivo. Os dias a fazerem de todas as horas obscura condenação. Será possível deixar de esperar Álvaro, fingir que Álvaro não existe quando sente que foi feita para se lembrar? Ouvir a voz dele e fingir que é o vento ao longo da rua onde mora?... Ah, o tempo acumulado no seu trabalho incessante de ir soterrando tudo: sentimentos, projectos. A vida por fim. Helena fecha os olhos, vê-se criança, de caracolinhos loiros a aparecerem por debaixo do chapelinho de palha. Faz calor. Está sentada no chão, à saída da porta que dá para o quintal – sentada com a sua boneca, a aba do chapéu, a pequena sombra no rosto. Um vaso florido pousado na janela parece concentrar a luz toda do dia. Revê as feições do pai fale-

cido, o bigode, aqueles braços tão fortes a levantá-la. Ela deste tamanho, pequeninha, seis sete anos. Mal saída do regaço de sua mãe, bem longe estava de imaginar a prova de força que iria ser suportar a morte repentina, a casa vazia depois do enterro. O perpétuo luto de sua mãe-viúva a percorrer os quartos, a cerrar as janelas à luz. O frágil espaço do seu mundo em gestação, de repente possuído de espanto e sem ninguém para lhe responder às perguntas mais principais que um dia iriam ser feitas. Bonita, desde muito cedo sentiu à sua volta olhares a persegui-la, a cobiçá-la. Palavras quase nunca entendidas. Fechava-se. Tinha medos, inibições nem sempre conhecidas das raparigas da sua idade. Veio a saber depois como era restrita a imagem que a mãe lhe dava da vida. Restrita e mentirosa. Uma fenda enorme a separá-la do mundo. Uma solidão na casa povoada de luto. Sobre a cómoda, sobre o naperon de renda da cómoda, o retrato de seu pai, tão novo, o sorriso imóvel na boca, único espaço de alegria na casa silenciosa. Tinha ânsias de abrir janelas, escancarar à luz as madeiras do soalho e do tecto – pôr o sol a jorrar o seu silvo agudo por entre o silêncio das aves nocturnas e espavoridas...

Até que veio Álvaro. Tinha sido daquela vez, de manhã, na Avenida das Tílias. A luz vinha por entre as folhas, e ela podia ver-lhe a intensidade dos olhos, imaginar as praias de onde ele tinha vindo, os gritos dos pescadores a vararem os barcos. O cheiro da Ilha. Perturbava-se. Havia uma diferença na voz dele, na maneira como pronunciava as palavras correntes – assim como um som soturno do vento em Novembro. Foi nessa voz que ele lhe disse, de repente, que gostava dela, deixando-a muito quieta a ouvir o canto das rolas

**CADERNOS DE
ESTUDOS
AÇORIANOS**

**REVISTA DE
ESTUDOS
LUSÓFONOS,
LÍNGUA E
LITERATURA,
DOS COLÓQUIOS
DA LUSOFONIA**



CADERNO # 7 EDIÇÃO NOVº - DEZº 2010
DEDICADO A FERNANDO AIRES

TODAS AS EDIÇÕES EM <http://www.lusofonias.net/>

Editor **Colóquios da Lusofonia** (Chrys Chrystello coordenou este CADERNO)

Coordenação Chrys e Helena Chrystello

Os colóquios da lusofonia seguem a nova ortografia



Editado por

©™® atualizado janeiro de 22

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115